

PORTO ALEGRE, 27 DE FEVEREIRO DE 1881

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 4

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

A FIDALGUINHA



Conheci-a.

A familia morava em uma rua escura, quasi deserta, pouco frequentada.

O pai era um homem velho: muito pobre, porém trabalhador.

Ella chamava-se Margarida, e era linda como a Beatriz do Dante: — uma perfeição.

Em casa chamavão-n'a *Fidalguinha*; arrogante, faceira, espirituosa; gostava de estar sempre à janella; e, além disso, lia muito: um visinho emprestava-lhe romances.

Muitas vezes, ao luar tardio das noites de verão, ella passava, horas e horas, esquecida, contemplando o brilho magico das estrellas, que scintillavão como diamantes enormes no vasto azul do firmamento sem nuvens.

Como era bella a lua! Parecia convidal a a passeiar tambem.

Ja que não podia passeiar pelo céu, desejava ao menos deslizar mansamente, em uma gondola de ouro, sobre as aguas tranquilladas do Guahyba.

O pai andava triste; via a Fidalguinha pensativa como a imagem da Santa, que pendia ao longo da parede, em quadro envernizado.

Um dia ella estava muito pallida; um semicirculo arroxado dava-lhe mais brilho ao olhar. Lera a *Dama das Camélias* — passara quasi toda a noite sem dormir.

As irmãs aconselharão-n'a repousasse durante o dia; disserão-lhe que aquillo era máo, muito máo.

Dormio.

A' noite, porém, ella ficara só, debruçada sobre o peitoril da janella, elhando o céu recamado de estrellas e as ondas prateadas aos raios do luar.

Era mais de meia noite e os gallos já cantavão!

Ao longe, muito ao longe, a Fidalguinha distinguio os sons de uma melodia; levou muito tempo a escutar...

Afinal, vencida pelo somno, reclinou a cabeceira loira sobre os braços cruzados e adormeceu.

A melodia longiqua foi-se extinguindo pouco a pouco...

Um vulto aproximou-se de Margarida, deu-lhe um beijo na testa... acordou-a.

— És tu, Armando? Tardavas tanto... tanto...

— Sim, sou eu. Deixa-me entrar.

Ella ficou sobresaltada.

Estava sonhando, tinhão-n'a acordado... pediu desculpa do que dissera.

Elle chamava-se Armando, não se enganara. Disse-lhe que a amava, que era rico; convidou-a para acompanhal-o.

Margarida respondeu que não; que amava seu pai, suas irmãs; chorou muito.

Elle instou

Ella assentio. . . partirão.

E' um quarto bonito, espaçoso, todo forrado de papel azul com frisos d'ouro.

Duas janellas dão para um jardim, e a brisa corre, vôa — borboleta travessa, inquieta, de flor em flor, roubando-lhes o perfume.

Uma commoda, um bidé junto a uma cama franceza, artisticamente trabalhada, e sobre elle uma lamparina de chrystal.

Ella ainda está deitada; muito triste, mais pallida ainda.

Em que pensas, Margarida?

Na mocidade que foge, no tempo que corre, em teu pai, em tua mãe, em tuas irmãs, em teu futuro negro, tão negro como a perdição ou como o fundo do abysmo trevoso em que cahiste?

Lembras o teu primeiro amante, naquelle beijo primeiro, em noite de luar?...

Recordas talvez tudo isso, e, sem esperanças, punge-te o seio o espinho da saudade!

Ai! se a gente soubesse, se a gente soubesse!

Eis o que dizeis vós todas, bellas arrependidas, chorasas Magdalenas!

Agora é tarde, loira Fidalguinha.

A estrada que percorres termina em um precipicio e nelle cahirás.

Não chores, pobre creança, as tuas lagrimas não lavão nodoas como a com que mancha-te as cãs de teu velho pai: o lençol, morno de volupia, do teu leito de Aspasia as absorve.

*
* * *

Era uma noite de inverno, fria, escura, medonha.

O vento entoava uma canção de morte, ao roçar pelos ramos das arvores, que estallavão, e pelo dorso empinado das ondas.

O trovão ribombava no espaço, rugindo como um tigre, furioso, ameaçador.

A chuva cahia compassada e sinistra sobre a calçada; parecia blasphemar!...

Em um quarto sombrio, sobre um leito miseravel, agonisava uma mulher.

A luz ja broxuleante, escassa e pallida de uma lampada dava em cheio no rosto alvo da moribunda: era um raio de lua illuminando a estatua de marmore de um tumulo.

Um velho chorava á cabeceira do leito. As lagrimas corrião-lhe pela face, onde a desgraça cavara fundas as rugas do martyrio.

O velho murmurava:

— Filha, pobre filha, quanto tens soffrido! Deus ha de perdoar-te como eu perdoei-te!

Ella disse:

— Como é bom morrer perdoada... sinto a morte chumbar-me os labios... pai, adeus... Armando...

E expirou.

O velho ergueu-se cambaleando e exclamou:

— Margarida! Margarida! Não está morta,

não... dorme. Silencio agora, libertinos! Não derrameis no leito de minha filha o vinho de vossas orgias! Ella dorme!...

A dor enlouquecera-o.

.....

Um relampago brilhou nos ares, e a luz da lampada, illuminando o corpo frio da Fida'guinha, crepitou no vaso...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre—1881.



CALÇAS PARDAS



I

Foi no domingo ultimo.

Eu havia passado o dia acommettido de um desses aborrecimentos que não se explicão, porque carecem de uma causa determinada.

Ha dias destes para todo mundo, e ninguem se pode eximir á sua influencia. E' negocio de nervos.

Os bonds entretanto passavão e repassavão regorgitando de caras alegres, que ião e vinhão, d'aqui para o Menino Deus, d'ali para aqui...

O exemplo tentou-me, e á boquinha da noite tomei passagem com destino ao aprazivel arraial.

Dez minutos depois fazia minha entrada no salão do Maneca.

Assentei-me a uma pequena mesa, pedi cerveja, enchi um copo, bebi, encostei os cotovelos, enforquillei a cara entre as mãos e... puz-me a reflectir.

De repente sinto que alguem se approxima de mim.

Olho, e vejo, com effeito, de pé, a dois passos, um sujeito de apparencia distincta, que me sorria, postoque me fosse inteiramente desconhecido.

A attenção com que me fitava, fez-me julgar que um equivoco, talvez uma semelhança minha com outrem a isso dava causa, e ja me dispunha a fazer-lhe notar o seu engano, quando elle disse-me:

— Sou o Dr. Lieu-Kieu... medico de Pekin... e inventor de diversos processos *bio-ga'vanico-physiologicos*...

— Ah! *respondi* eu, que é sempre a resposta prompta para tudo que não comprehendemos.

— São agentes chimicos, continuou o doutor tomando uma cadeira, que operando sobre o corpo humano, nelle corrigem os estragos do tempo, os causados pelas enfermidades e até as aberrações da natureza.

— Ah!

— Vejamos, proseguio elle, embutindo a luneta na cavidade do olho direito; o senhor teve bexigas... vê-se que teve bexigas... tem a cara completamente esburacada!... Pois bem, em dois segundos farei que tudo isso tenha desapparecido, a cutis ficará tão lisa como a superficie desta mesa.

Eu começava a arregalar os olhos e abrir a bocca.

O doutor continuou :

— O senhor é calvo .. inda que moço .. calvice precoce, resultante da indolencia da pelle...

— E' verdade, senhor, sou calvo... respondi a'um tom que denotava minha continua mortificação por semelhante desgraça.

— E tem disso sentimento... sem duvida, sem duvida; uma cabeça despovoada é um descon-solo!

— Ah! doutor! devo confessar... perco o somno quando me lembro...

— Pois ha de dormir bem agora, eu o livrarei desse martyrio... ha de ostentar um magnifico topete natural.

— Doutor!...

— Vejamos ainda... E' desdentado... ah! ah! tem dentes postigos...

— Tenho tres.

— Tivesse-os todos! Em dez segundos os terá legitimos... e do tamanho que os quizer!

Eu não podia crer. Seria um louco?

O doutor advinhou o meu pensamento.

— Duvida? disse-me. Pois bem: vou fazer cessar essa duvida, que, confesso, nada tem de offensiva para mim, pois que realmente prometto cousas maravilhosas... sobrenaturaes... Com licença...

Tira do bolso um frasquinho, cujo conteúdo era esverdinhado, e pinga-me uma gota na ponta do nariz.

No mesmo instante senti um leve ardor e uma especie de chiado como da carne exposta á acção do fogo. Levo a mão ao nariz e ja o não encontro... tinha-se-me sumido!

— Doutor! gritei aterrado, o meu nariz! eu não quero ficar sem nariz! Doutor, por quem é! Elle rio-se.

— Socegue, vou restituir-lhe o seu nariz... Olhe...

E pinga uma gota d'outro frasquinho, que continha um liquido amarello, na cavidade nasal.

Immediatamente senti um estalosinho, ao mesmo tempo que sahia como d'um estojo, o meu nariz, e crescia...

— Graças! graças! exclamei.

Mas qual não foi o meu terror quando vi que aquella *resurreição* não acabava... pelo contrario, parecia querer prolongar-se indefinidamente!

Com effeito, n'um apice tinha eu uma verdadeira tromba, que, entretanto, crescia, crescia ainda, crescia sempre!

— Doutor! fêlo amor de Deus! tenha mão ao meu nariz! Jesus! la vai elle tocar no copo!... isso! deita-o por terra!... Pouha ao menos a garrafa fóra do seu alcance... Ah! está! foi-se a garrafa tambem!

O doutor estava por seu turno maravilhado da sua propria obra.

— Não esperava tanto! disse como respondendo a si proprio.

Depois, humedecendo de saliva a ponta do indicador, tocou a ex remidade do monstro ..

A distenção cessou no mesmo instante; começou em seguida o retrocesso, e alguns instantes depois estava o meu nariz reduzido ás suas verdadeiras dimensões.

— Ah! obrigado! respirei.

— Crê agora? perguntou me.

— Sois um deus! palavra!

— Pouco menos; falta-me ainda poder crear com a palavra um mundo... mas hei de conseguil-o! concluiu dando á expressão um tom de energia e vontade que me convenceu.

Então olhei para elle com dobrada attenção. Nada tinha que o differenciasse dos outros homens. Apenas os olhos luzião-lhe de um modo extraordinario.

— Sois chin? perguntei-lhe.

— *Geographicamente* fallando, sou-o com effeito, respondeu-me.

— Mas fallaes portuguez como... um portuguez!

— Todos os idiomas me são familiares.

— Mesmo a vossa cara... a vossa physionomia... nada tem que denuncie a vossa nacionalidade... Tendes uns bigodes!

— Eu tomo todas as physionomias... Reparaí!

N'um abrir e fechar d'olhos tinha-se operado uma completa metamorphose, já não era o mesmo!

Os bigodes haviam desaparecido, o nariz achatou-se, os olhos contrahirão-se e tomarão uma expressão obliqua, a cara alargou-se, a testa abateu-se!

Era um chin da gemma! nem o rabicho lhe faltava!

— Oh! oh!

— Olhai agora...

O chin havia-se transformado n'um vermelho e bochechudo inglez!

Eu passara d'um assombro a outro.

— Duvidais ainda do meu poder?

— Oh! não! não! Mas...

— Já sei; julgaes que eu seja o diabo. Mas que tendes com isso desde que eu faça de vós, velho e escalavrado, um homem galante?

— Tendes razão; sou um pedaço d'asno.

— Muito bem... vinde commigo...

— Sigo-vos!

E sahimos.

Um carro estacionava á porta.

Embarcamos e tomamos caminho da cidade.

A noite estava escura como um prego.

O doutor assobiava, eu reflectia...

O desaparecimento e reaparecimento do meu nariz, as transformações por que havia o doutor passado, acodião-me á imaginação, começavam a assustar-me... nunca ouvira fallar que fosse a chimica capaz de tamanhos successos!

— Se fosse o diabo? pensava eu com os meus botões, lembrando-me desses pactos tenebrosos entre Satanaz e os infelizes abandonados da graça — commercio que ainda não cessou entre nós apesar da tolerancia dos cultos!

Elle, ou fosse acaso ou proposito, fitou em mim seus grandes olhos e sorriu.

— Tomais-me ainda pelo diabo?

— Eu?

— Socegai; já não existem diabos; o ultimo acaba de alistar-se nas guardas pontificias, onde ninguem o excede em zelo... *apostolico romano*. O meu poder é todo natural... o que faço faria qualquer outro que se dêsse a penetrar todos os segredos da chimica ..

— Na verdade, doutor! olhe que a tal chimica .. realmente! é... é! gaguejei eu, que cada vez sentia-me mais chato diante de tão grande sabio.

Um instante depois parava o carro á rua da

Misericordia, á porta d'uma casa cujo numero não pude ler.

Apeamo-nos e entramos n'um corredor cuja escuridão era medonha.

— Segui-me, disse-me o doutor avançando. Eu estaquei.

— Mas se não sei por onde... respondi; nada vejo!

— E' verdade, esquecia-me .. Tomai isto.. E metteu-me na bocca uma pillula.

Immediatamente os meus olhos se converterão em duas lanternas furta-fogo.

Notei então que caminhavamos por um corredor que parecia não ter fim; e o mais de notar era que de quatro em quatro passos havia uma escada de quatro degraos a descer.

— Moraes em uma casa singular, doutor! neste andar iremos ter ao centro da terra!

— Pois enganai-vos; esta casa é como todas da vossa cidade... a differença está em que a vedes *chimicamente*... olhai em todas as direcções...

Olhei para a direita e para a esquerda, havia um corredor de cada lado, corredores que como este parecião não ter fim ..

Que tinha eu que admirar? A chimica não explicava tudo?

Caminhámos. . caminhámos... A final o doutor parou.

— Eis aqui o meu gabinete, disse.

Entramos n'um aposento d'uns cem pés quadrados.

— Assentai-vos e esperai-me um bocadinho, disse-me e desapareceu.

Um instante depois voltou trazendo ua mão direita uma enorme verruma.

— Vamos... collocai a cabeça bem a prumo.

— Que ides fazer? perguntei-lhe assustado vendo-o de verruma em punho.

— A vossa calvice é resultado do muito calor interior do craneo: é preciso abrir dois furos oppostos para que o ar ahí penetre a fim de arejal-o e evitar que vos caia outra vez o cabelo.

— Hein! furar-me a cabeça! estaes doudo, doutor?

— Sois incorrigivel! sempre duvidas.

— Mas é que...

— E' preciso! disse,

Resignei-me.

O doutor começou a verrumar... e cousa celebre! eu não sentia dor alguma!

— Tendes uma cabeça de ferro!

— E' verdade, respondi lembrando me que

um menino sempre dizia-me o meu mestre o mesmo.

Ao mesmo tempo um ar fresco inundava-me todo o cerebro.

— Agora é preciso limpar bem este melão... disse...

E poz-se a arrancar-me os poucos fios como quem depenna uma gallinha.

— Bem... agora esta cataplasma... prompto! Que sentis?

— Parece que tenho um formigueiro na cabeça!

— E' o cabello que vem brotando... ja ides ver! ja ides ver! um segundo mais... vêde agora!

— Doutor! doutor! devo-vos a vida! Ah! que magnifico topete! Sois um prodigio, doutor! acis... sois...

— Vamos aos dentes... disse emquanto eu escarafunchava na imaginação um outro qualificativo. Tomai isto...

E introduzio-me na bocca tres pillulas.

— Mastigai-as bem... Cuspi agora... Bem, podeis ver.

— Ah! oh! uh! exclamei em tantos tons, quantos erão os dentes.

— Agora os signaes da cara....

Toma um trapo, pinga-lhe umas gotas e passa-m'o...

— Prompto! Podeis retirar-vos agora; nada mais tendes que fazer aqui, disse e desapareceu.

Eu quiz correr atraz delle para protestar-lhe o meu eterno reconhecimento, quando sinto-me violentamente sacodido por um braço e ouço uma voz que me gritava:

— Eh! patrão! patrão! Olhe que o ultimo bond vai largar.

— Hun? onde está o Dr. Lieu-Kieu?

— Qual doutor, nem pera doutor! Levou a dormir ahi e a roncar, que era um gosto!

Era o caixeiro do botequim que eu tinha agora pela frente.

Paguei a cerveja e vim para a cidade pensando no sonho que acabava de ter.

Março - 81.

M.

PALESTRA

Pedro e Paulo conversão. O primeiro, depois de breve pausa, como que interrompendo um assumpto de que não lhe importa a solução, come-

ça arguindo o companheiro com esta interrogativa:

— Paulo, o que pensas tu a respeito da abolição de escravos?

— Meu amigo, eu sou do lado da oportunidade, e acompanho aquelles que desviam a questão de um despenhadeiro, onde inevitavelmente se precipitaria se a abolição fosse realisada de um só golpe.

— Mas Paulo, de onde de-encovaste tu semelhante phantasma, para me vires amedrontar?

Como é que evidencias da pratica de uma acção altamente humanitaria semelhante desastre? Dize....

— Pedro, vou dar-te a minha explicação, ou por outra, repetir o que os mestres ja têm dito a respeito e auxiliar-me com elles:

A abolição immediata ia causar um estremecimento perigoso na propriedade individual de grande parte dos habitantes do Brazil.

Ella será tomada por um direito, posta gradualmente em execução; ao passo que os interessados a considerarão arbitraria desde que seja operada de momento.

E attende que é muito difficil predispor o proprietario a desistir do objecto de que elle suppõe-se legitimo senhor e portanto com todo o direito de posse.

Dou a denominação de *objecto* ao homem escravo porque realmente elle até hoje tem passado em transacções como um verdadeiro genero de mercado; eu o digo com pezar!

Imagina mais a repulsão que se effectuará entre o ex-escravo embrutecido e cheio de odios pela oppressão de um recente captiveiro e o senhor desapropriado e resentido por semelhante choque em seus interesses.

E d'ahi nascerá grande abalo ao trabalho das industrias em sua maior parte manipulado pela escravatura em acção.

Como se ha de accommodar de um dia para outro essa aluvião de homens que carecerão de um meio seguro de vida para sua subsistencia?

Como remediar os excessos e preencher as lacunas em todo o serviço braçal exercido por elles?

Quem attende bem a tudo isto, procede com prudencia, porque vê que taes barreiras não podem ser vencidas com um salto ou com meia duzia de palavras.

Esta é a logica da boa razão isolando a corrente magnetica de uma idéa bonita, mas indubitavelmente muito importuna.

Accrescenta mais a isto a morosidade da acção de um governo que so applica suas inefficases receitas em artigo de morte, parece que com o unico fim de abreviar a agonia do enfermo, e não de salvá-lo.

Se aquelles que pensão desta fórma são escravagistas, eu estou alistado no numero delles; na certeza, porém, de que com toda a liberalidade d'alma repugno a escravidão e reconheço o tristissimo espectáculo que representa o Brazil diante do mundo civilisado em quanto exhibir as hediondas scenas passadas entre o homem-proprietario e o — homem-propriedade, isto é, entre o algoz e a victima.

Mas não nos basta por ventura a miseria e difficuldades que se observa nessa immigração que para aqui afflue, talvez farta de promettimentos, mal pensando que abandona sua patria para vir em paiz estrangeiro implorar a caridade publica?

E' ainda bem quando lanção mão de tão triste recurso, e não atacão o viandante afim de fazel-o abrir a bolsa violentamente.

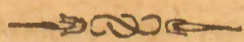
Isto são lições que se não devem desperdiçar, não esquecendo tambem que pela maior parte, as medidas do governo, além de fracas, são delidadas pelos seus agentes, mais cuidadosos em preparar boa fortuna do que em desempenhar taes commissões.

Pode o entusiasmo abolicionistico fazer e dizer o que quizer; eu assim penso, meu Pedro, e entendo que vou por bom caminho; julgo ser esta a estrada real e della não pretendo desviar-me: so resta agora perguntar por minha vez se concordas comigo?

SILVA DE ALBUQUERQUE.



A ENGEITADA



Original italiano de Carlo Pelucchi

Traducção de J. M. Velho da Silva

— Nivea cor, louro cabelo,
Minha linda innocentinha;
Porque tão triste e sosinha
Assentada nesse chão,
E mendigando a quem passa
Assim estendes a mão? —

— Oh! senhor, eu sou tão pobre,
Tão menina e soffro tanto!
Se mentido é este pranto,
Que me castigue o Senhor,
Vêde impressa em meu semblante
A expressão de minha dor. —

— Por sua mãe, pobresinha!
E' que esmolas a quem passa? —
— Minha mãe!... Oh! por desgraça,
Quem ella seja não sei;
Peço esmola e me escarnecem...
Porque mãe nunca encontrei!

Uma velha que me asyla,
Faz-me errar de porta em porta;
Soffro muito... mas que importa,
Se devo a vida manter?
Soffro e choro o pão e affrontas
Que é forçoso receber. —

E' tão formosa e tão misera,
Qual teu nome, ó malfadada? —
— Qual meu nome?... a Engeitada!
Assim me chamão a mim...
Meu senhor, eia, explica-me,
Engeitada o que é por fim?... —

— Engeitada!... — e uma lagrima
Vi correr dos olhos seus,
— Menina, és filha de Deus,
Predilecta do Senhor! —
Olhou-me e ficou immovel
Qual uma estatua de dor.

— Se então sou filha d'Aquelle
Que soccorre a quem implora,
Porque, pois, nega a quem chora,
A seu seio se acolher?
E' minha eterna esperança,
A esperança de morrer! —

Meu Deus! que som melancolico
Fez vibrar aquelle acento!
Foi a febre de um momento
Que o sangue me incendiou,
Meus braços hirtos penderão,
Minha boca blasphemou!

Sob este monte onde estou,
Se abate muita vaidade;
Para a esplendida cidade
Eu fito a meute d'aqui...

— Tua mãe, ó pobresinha,
Talvez nella folga e ri.

Bella opulenta, inda joven,
Vaidosa, rojando sedas,
Do vergel nas alamedas
Alardeando o esplendor;
Se acaso enrubece, dizem
Que é a nuvem do pudor !...

A mais vil de suas servas
Vive á farta e tem um nome;
Tu consumida de fome,
Ella entre festas a rir;
Oh! a infame !... fez-te victima
Para a deshonra encobrir !

Nos prazeres barateam
Qualquer sombra de pudor,
Depois uão sabem o amor
De mãe no affecto encontrar !...
E o pai? . . um dissoluto
Que é necessario coroar !

Bem disseste, ó malsadada,
Que a morte é tua guarida;
Has de viver esquecida,
Esquecida has de morrer;
Ha de o mundo sempre hypocrita
Do martyrio a cruz te erguer.

Não é de estranhar que um seculo
Que protege a transviada,
A' infeliz desamparada
Venha pedras atirar,
Vindo assim os innocentes
Dos pais o crime pagar !

Filha, ha um Deus !... tua face
De pallidez se reveste;
Chora e pede : tu nasceste
Para pedir e chorar...
Chega a noite, volta, é tempo
De tua choça buscar.

E bêm mesquinha esta esmola
Que te faço, ó minha pobre;
Esmola mais bella e nobre
Has de ter, espero, sim,
Quando a mãe arrependida
Verter lagrimas sem fim.

O SOMNO



O somno é como a nuvem, que se fôrma de um tenue floco de vapores, dilata-se, cobre o céo, branqueando-o ou ennegrecendo-o, e dissipa-se depois, desfeita pelas acções atmosphericas.

A vida do homem é um diametro, em cujos polos estão o trabalho e o descanso.

O somno é a traducção da palavra descanso.

Os sonhos são as locubrações da phantasia; uma excitação mysteriosa do systema nervoso; uma reminiscencia de factos passados, desfigurados, avolumados ou diminuidos, umas vezes estranhos e incompreensiveis, outras como a expressão viva de um desejo.

Os sonhos são viagens mysteriosas ás regiões ignotas do passado, ou aos impenetraveis abysmos do futuro. São o vôo da alma, a concentração da phantasia; umas vezes o limpido espelho onde o homem se contempla, outras estereoscopo perante cujos crystaes vão passando as pessoas e as cousas.

*
* *

O homem, que tudo adultera, que tudo mystifica, falsificou tambem o somno.

O opio, os filtros e narcoticos, que sobrevivem a uma época de crenças supersticiosas, forão sempre inimigos occultos da actividade humana e complices dessa extravagante falsificação.

O homem é jovial por natureza, e, não lhe bastando o somno da noite, deseja tambem dormir de dia.

A sésa é um somno estrangeiro, — de importação arabe.

Mas a sésa tem um inconveniente :
As moscas.

*
* *

As palavras somno e sonho estão intimamente ligadas a outra : á palavra cama.

A cama ! dormir e sonhar !

Um Deus deve ter o seu altar.

Um rei deve ter o seu throno.

A cama é o throno e o altar do somno.

*
* *

A cama tem ainda outra fôrma mais bella :
O berço.

Bemdito seja o berço !

Porque elle é o santuario da innocencia, o magico vergel onde cresce a mais formosa das flores, acariciada pelo perfumado orvalho dos beijos de uma mãe.

O berço é o depositario dos risos de Deus, — porque Deus sorri áquelles anjos puros, cuja limpida fronte ainda não se manchou com as sombras dos pensamentos do homem.

* *

O lethargo é o primeiro periodo do repouso.

Emquanto dura, a mente obscurece-se, as idéas engolphão-se e confundem-se, os factos passados desfigurão-se, os desejos quasi que se veem realizados...

O homem julga-se amado pela mulher que é a causa da sua loucura, sobe por uma escada luminosa as maiores alturas, consegue as mais invejadas distincções...

Um movimento brusco, um ruido inesperado, um jacto de luz que penetra pelos vidros do quarto, — e todas essas illusões se convertem em fumo, e as esperanças perdem-se nos mundo do infinito...

Que é que lhe resta ?

Um sorriso de despeito; uma lagrima de desengano.

Despertar e morrer... Ahi está a vida.

* *

Os turcos e os arabes acreditão nas excellencias do *hatchis*. O *hatchis* é a chave que abre a seus olhos as portas do desconhecido.

A fantasia exalta-se, remonta-se a outro mundo onde ha mais formosura nas mulheres, mais perfumes nos jardins, mais prazer nos amores...

Crêm, e são felizes.

Que maior felicidade que enganar-se a si proprio ?

* *

Com o sonhar e dormir succede o mesmo que com o vinho: pouco, fortifica; muito embrutece.

Por isso a doutrina christã nos aconselha a actividade para vencer a preguiça.

Um dorminhoco é um esbanjador da vida.

* *

Deus concedeu o somno ao homem como termo passageiro das suas fadigas. Mas o homem abusa dessa concessão e aproveita o somno de seu irmão para roubar-lhe a fortuna, a vida ou a honra ..

* *

Passado o primeiro periodo do somno, quando por causas especiaes o corpo não acha descanso, nem tregua o pensamento, apodera-se do nosso ser um estado angustioso que se chama insomnia, durante o qual se condensão na mente mil confusas idéas, ou se fixa uma só, sobre a qual sem querermos, pomos toda a nossa attenção.

Nesses momentos as mulheres namoradas repetem mil vezes uma phrase terna; o poeta recita as estrophes de um poema que não conluio de todo; o dramaturgo evoca as scenas de um drama que ha um anno eutregou á empreza; o empregado publico deplora o imposto de rendimento; o pobre trabalhador conta com dor as horas que correm, que lhe abreviã o descanso e lhe accelerão a fadiga.

* *

Não posso mais.

De tanto fallar em somno e sonhos, vão-me tantas ganas de dormir.

Faço ponto, vou deitar-me e apago a luz.

Boas noites, leitor.

ANGELINO OSCAR.

EXPEDIENTE



A' „IMPRESA”. — Não podemos aceitar a permuta com as restricções que impõe.

Agradecemos.

Ao Sr. ASCANIO. — A sua poesia fica para o seguinte numero.

Não houve espaço.

Ao Sr. TIMOTHEO DE FARIA. — As duas produções que enviou-nos — muito boas.

Não só pelo merecimento proprio, como por ser a primeira visita, damos-lhe o lugar de honra.

A poesia, porém, para outro numero, pelo motivo acima.

Ao Sr. J. DE V. F. — E o romance? ficou para as kalendas gregas?

A' „DESCENTRALISAÇÃO”. — Não recebemos. Não terá ido dar la o nosso periodico?